

IV
Congreso
Internacional
Observatorio de la Alimentación
& Fundación Alícia

Barcelona / 9 - 12 junio / 2015

OTRAS
MANERAS
DE COMER

elecciones / convicciones / restricciones



ISBN: 978-84-606-6842-8

O EFEITO DA DESEJABILIDADE SOCIAL NO COMPORTAMENTO ALIMENTAR EM ESTUDANTES PORTUGUESES DO ENSINO SUPERIOR

Rui Poínhos (1,*), Bruno MPM Oliveira (1,2), Flora Correia (1,3,4)

(1) Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação, Universidade do Porto, Porto, Portugal; (2) Laboratório de Inteligência Artificial e Apoio à Decisão, Instituto de Engenharia de Sistemas e Computadores – Tecnologia e Ciência, Porto, Portugal; (3) Centro Hospitalar de São João, E.P.E., Porto, Portugal (4) Unidade de Investigação e Desenvolvimento de Nefrologia, Faculdade de Medicina, Universidade do Porto, Porto, Portugal; (*) ruipoinhos@fcna.up.pt

1. Introdução

A desejabilidade social é definida como a tendência para transmitir uma imagem culturalmente aceitável e de acordo com as normas sociais, podendo enviesar a avaliação de diversos parâmetros na investigação científica, especialmente os parâmetros auto-reportados, por levar os participantes a fornecerem respostas que acreditam serem socialmente aceites e a evitarem ser associados com opiniões ou comportamentos socialmente desaprovados (Ballard *et al.*, 1998; Beretvas *et al.*, 2002; Crowne & Marlowe, 1960, 1961; Leite & Beretvas, 2005; Ribas Jr. *et al.*, 2004).

Poucos estudos se têm centrado nos efeitos da desejabilidade social nas avaliações do comportamento alimentar. Para além disso, os resultados desses estudos levam-nos a assumir que a desejabilidade social poderá explicar parcialmente as relações encontradas entre dimensões do comportamento alimentar. Contudo, desconhece-se a existência de trabalhos que analisem especificamente o efeito da desejabilidade social nas relações entre dimensões do comportamento alimentar.

Assim, foram objectivos deste capítulo avaliar as relações entre a desejabilidade social e diversas dimensões do comportamento alimentar em estudantes do ensino superior e estudar o efeito da desejabilidade social na associação entre pares de dimensões do comportamento alimentar. Uma descrição mais detalhada do trabalho em que esta comunicação se baseia pode ser consultada em Poínhos, Oliveira & Correia (2015).

2. Amostra e metodologia

Estudou-se uma amostra de conveniência composta por estudantes de ensino superior. Os critérios de inclusão incluíam uma idade entre os 18 e os 27 anos, e não foram incluídos potenciais participantes com formação académica nas áreas de Nutrição ou Dietética.

Foram convidados a participar no estudo 394 estudantes, tendo sido obtida uma taxa de participação de 91,9%. Devido ao preenchimento incompleto de questionários, não foram analisados os dados de 96 participantes (26,5%). Assim, analisámos dados de 266 participantes, dos quais 167 (62,8%) eram do sexo feminino e 99 (37,2%) do sexo masculino. A sub-amostra feminina apresentou média de idades de 20,3 anos ($dp = 1,7$) e um IMC mediano de 21,2 kg/m² (P25 = 19,8; P75 = 23,1; n = 165). A sub-amostra masculina apresentou uma média de idades de 21,3 anos ($dp = 2,1$) e um IMC mediano de 22,7 kg/m² (P25 = 20,8; P75 = 24,0; n = 98).

A Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne (Scagliusi *et al.*, 2004), que define a desejabilidade social como a necessidade de aprovação social, foi utilizada para medir este constructo (Beretvas *et al.*, 2002; Ribas Jr. *et al.*, 2004). A ingestão emocional e a ingestão externa foram medidas utilizando o Questionário Holandês do Comportamento Alimentar (Viana & Sinde, 2003). O controlo flexível e o controlo rígido do comportamento alimentar foram avaliados com as sub-escalas propostas por Westenhoefer *et al.* (1999; Poínhos, Rowcliffe *et al.*, 2013). Para avaliar a ingestão compulsiva foi utilizada a versão portuguesa da Escala de Ingestão Compulsiva (Freitas *et al.*, 2001). A auto-eficácia alimentar foi medida através da Escala de Auto-Eficácia Alimentar Global (Poínhos, Canelas *et al.*, 2013). Em todos os instrumentos descritos, a pontuações superiores corresponde maior grau dos respectivos constructos.

Usou-se o coeficiente de correlação de Pearson (r) para medir o grau de associação entre a desejabilidade social e as dimensões do comportamento alimentar, bem como entre dimensões do comportamento alimentar. Adicionalmente, foram calculadas correlações parciais (controladas para a desejabilidade social) entre pares de dimensões do comportamento alimentar.

3. Resultados

O Quadro 1 mostra as associações entre o nível de desejabilidade social e as pontuações nas dimensões do comportamento alimentar. Em ambas as sub-amostras a desejabilidade social apresentou associações negativas com a ingestão emocional, ingestão externa e ingestão compulsiva, e associação positiva com a auto-eficácia alimentar. A ingestão externa foi a dimensão em que se verificou maior discrepância na força da associação com a desejabilidade social entre as duas sub-amostras: a desejabilidade social explicou 17,1% da variância da ingestão externa na sub-amostra masculina, mas apenas 11,7% na sub-amostra feminina.

Quadro 1. Associações da desejabilidade social com as dimensões do comportamento alimentar*

	Sexo feminino (n = 167) <i>r (p)</i>	Sexo masculino (n = 99) <i>r (p)</i>
Ingestão emocional	-0,266 (0,001)	-0,278 (0,005)
Ingestão externa	-0,342 (< 0,001)	-0,414 (< 0,001)
Controlo flexível	0,082 (0,290)	0,136 (0,179)
Controlo rígido	-0,065 (0,402)	-0,005 (0,962)
Ingestão compulsiva	-0,351 (< 0,001)	-0,373 (< 0,001)
Auto-eficácia alimentar	0,316 (< 0,001)	0,333 (0,001)

*Adaptado de Póinhos, Oliveira & Correia (2015).

Para cada par de dimensões do comportamento alimentar, calculou-se a diferença entre o coeficiente de determinação (r^2) correspondente à sua correlação e à correlação parcial controlada para o nível de desejabilidade social (Quadro 2). É de notar que o sinal de todas as correlações se manteve após controlo para a desejabilidade social. A análise dos resultados referentes às correlações parciais centra-se nas maiores discrepâncias nos coeficientes de

determinação (variação de r^2 superior a 5% em pelo menos uma das sub-amostras); esta diferença pode ser interpretada como a proporção de covariância devida à desejabilidade social.

Para a maioria das correlações, o controlo para a desejabilidade social levou a uma diminuição na força da associação. Seguindo o critério referido, a desejabilidade social mostrou maior efeito nas associações entre: ingestão externa e ingestão compulsiva (6,1% e 7,3%, respectivamente nas sub-amostras feminina e masculina), ingestão externa e auto-eficácia alimentar (5,5% e 6,1%), ingestão compulsiva e auto-eficácia alimentar (5,8% e 5,6%), e ingestão emocional e ingestão externa (4,6% e 5,5%). No sentido oposto, o maior aumento no coeficiente de determinação correspondeu à associação entre a ingestão emocional e o controlo flexível na sub-amostra masculina (2,4%).

Quadro 2. Variação na proporção de covariância após ajuste para a desejabilidade social

	Ingestão emocional	Ingestão externa	Controlo flexível	Controlo rígido	Ingestão compulsiva	Auto-eficácia alimentar
Ingestão emocional		-4,6	+0,4	-0,4	-4,7	-3,9
Ingestão externa	-5,5		-0,6	+0,8	-6,1	-5,5
Controlo flexível	+2,4	-1,7		+1,3	+1,3	-0,6
Controlo rígido	+0,2	+1,5	+1,2		0,0	-0,1
Ingestão compulsiva	-4,0	-7,3	+1,2	+0,1		-5,8
Auto-eficácia alimentar	-2,9	-6,1	-1,4	+0,5	-5,6	

Os valores para a sub-amostra feminina (n = 167) são apresentadas acima da diagonal principal, e para a sub-amostra masculina (n = 99) abaixo da diagonal principal.

4. Discussão

Verificámos que a desejabilidade social está principalmente associada às dimensões do comportamento alimentar relacionadas com a ingestão excessiva (ingestão emocional, ingestão externa e ingestão compulsiva), com as quais se associa negativamente, e com a auto-eficácia alimentar, com a qual apresenta correlação positiva.

Os efeitos mais expressivos da desejabilidade social no aumento das associações entre dimensões do comportamento alimentar foram encontrados entre pares de dimensões com as quais a desejabilidade social mostrou maior associação (ingestão externa, ingestão

compulsiva e auto-eficácia alimentar). No que concerne à associação entre a ingestão emocional e o controlo flexível, a desejabilidade social parece ter um efeito confundidor, pelo menos nos homens, mas as características do nosso estudo não nos permitem explicar este resultado.

A falta de estudos que relacionem a desejabilidade social com as dimensões do comportamento alimentar leva à necessidade de mais trabalhos, que sigam uma metodologia semelhante à do presente estudo mas realizados em diferentes grupos, uma vez que a presença destas relações pode depender das características das amostras. Por exemplo, Ribas Jr. *et al.* (2004) reportam associações negativas entre os níveis de desejabilidade social e a idade e escolaridade. Para além disso, e apesar de algumas interpretações atrás apresentadas, alguns autores consideram que a desejabilidade social possa não ser unicamente um confundidor de outras avaliações (McCrae e Costa, 1983; van Strien, 1985). Assim, a interpretação das relações entre a desejabilidade social e as dimensões do comportamento alimentar deve ser feita cautelosamente, uma vez que estas relações podem subjacentes a aspectos da personalidade importantes e relacionados com o próprio comportamento alimentar.

Financiamento

Este trabalho foi parcialmente financiado pelo *ERDF – European Regional Development Fund* através do programa *COMPETE* (programa operacional para a competitividade) e pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito dos projectos PTDC/MAT/121107/2010, FCOMP – 01-0124-FEDER-022701 e FCOMP – 01-0124-FEDER-022701.

Referências

Ballard, B.; Crino, M. D. & Rubenfeld, S. (1998) “Social desirability response bias and the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale”, *Psychological Reports*, 63: 227-237.

Beretvas, S. N.; Meyers, J. L. & Leite, W. L. (2002) “A reliability generalization study of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale”, *Educational and Psychological Measurement*, 62: 570-589.

Crowne, D. P. & Marlowe, D. (1960) “A new scale of social desirability independent of psychopathology”, *Journal of Consulting Psychology*, 24: 349-354.

Crowne, D. P. & Marlowe, D. (1961) “Social desirability and response to situational demands”, *Journal of Consulting Psychology*, 25: 109-115.

Freitas, S. R.; Lopes, C. S.; Coutinho, W. & Appolinario, J. C. (2001) “Tradução e adaptação para o português da Escala de Compulsão Alimentar Periódica”, *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 23: 215-220.

Leite, W. L. & Beretvas, S. N. (2005) “Validation of scores on the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale and the Balanced Inventory of Desirable Responding”, *Educational and Psychological Measurement*, 65: 140-154.

McCrae, R. R. & Costa, P. T. (1983) “Social desirability scales: More substance than style”, *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 51: 882-888.

Póinhos, R.; Canelas, H.; Oliveira, B. M. P. M. & Correia, F. (2013) “Desenvolvimento e validação de uma escala de auto-eficácia alimentar”, *Alimentação Humana*, 19: 65-72.

Póinhos, R.; Oliveira, B. M. P. M. & Correia, F. (2015) “Eating behaviour in Portuguese higher education students: The effect of social desirability”, *Nutrition*, 31: 310-314.

Póinhos, R.; Rowcliffe, P.; Marques, A. R.; Viana, V.; Oliveira, B. M. P. M. & Correia, F. (2013) “Adaptação e validação das sub-escalas de controlo flexível e rígido do comportamento alimentar”, *Alimentação Humana*, 19: 82-92.

Ribas Jr., R. C.; Moura, M. L. S. & Hutz, C. S. (2004) “Adaptação brasileira da Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne”, *Avaliação Psicológica*, 3: 83-92.

Scagliusi, F. B.; Cordás, T. A.; Polacow, V. O.; Coelho, D.; Alvarenga, M.; Philippi, S.T. & Lancha Jr., A. H. (2004) “Tradução da escala de desejo de aceitação social de Marlowe & Crowne para a língua portuguesa”, *Revista de Psiquiatria Clínica*, 31: 272-278.

Van Strien, T. (1985) “On longitudinal versus cross-sectional studies of obesities: Possible artefacts”, *International Journal of Obesity*, 9: 323-333.

Viana, V. & Sinde, S. (2003) “Estilo alimentar: Adaptação e validação do Questionário Holandês do Comportamento Alimentar”, *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 1: 59-71.

Westenhoefer, J.; Stunkard, A. J. & Pudel V. (1999) “Validation of the flexible and rigid control dimensions of dietary restraint”, *International Journal of Eating Disorders*, 26: 53-64.